

Redação em Gotas

Edição nº 32

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: Uso de “onde” e de “aonde”. Todos os caminhos levam a Roma.

Queremos permanecer, mas estamos sempre em movimento, como as *vagas, o vento e os dias*. Usamos o advérbio “onde” para indicar a permanência, o lugar estático, a localização. Usamos o advérbio “aonde” para indicar o movimento, a fluidez, a aproximação. Entre a permanência e a transitoriedade, os caminhos dos dias e das horas, os trechos percorridos pelas palavras voláteis como a primavera e desesperançosas como os invernos vindouros, os atalhos das injustiças repetidas e da dourada balança da Justiça, coberta pelo roxo, pela púrpura e pelo sangue: as cores da paixão.

“*Quo vadis, Domine?*”,¹ a pergunta de Pedro ao Cristo ressuscitado, quando fugia de Roma, “*Aonde vais, Senhor?*”

“(…) *aos ouvidos do Apóstolo chegou uma voz triste e suave que dizia:*

- *Abandonas o meu povo; vou, por isso a Roma, a fim de ser crucificado outra vez.*”²

De há muito, na Roma antiga, a Justiça se pervertera – toda a pena tinha por fundamento o interesse do Estado.³ A pena capital ou os suplícios distinguiam-se em *supplicia suma*: crucifixão, cremação e degola; e *supplicia mediocrum*: condenação aos trabalhos perpétuos nas minas.⁴ Jesus, como a ninguém é dado desconhecer, foi réu de morte, embora a inocência de Cristo fulgisse e resplandecesse pelos séculos vindouros. Pedro é crucificado na Colina do Vaticano; Paulo, cidadão romano, degolado.

Tudo e todos são levados pelo tempo, muitos caminhos romanos desapareceram e, embora tenha havido falimentos inumeráveis, a bondade tímida surge e ressurgue, aqui e acolá, onde menos se espera e aonde aponta a linha do horizonte.

A Literatura, a História e a Justiça foram marcadas pela ignomínia e pela vergonha de um julgamento: não importa se na antiga Judéia, na decadente Roma ou no Xingu: sempre há vozes clamando por justiça, apelando à violência, à submissão, à insubordinação ou à resistência pacífica.

Antônio Callado escreveu *Quarup*,⁵ em 1967. No livro, temos Cristo, na qualidade de juiz, no equilíbrio delicado da balança:

“ (...) Diante do Cristo a temível balança onde os menores pecados de omissão e de intenção rompiam a linha de fé, deslocando com extravagância o fiel. Murmúrios de maledicência retiniam feito moedas de metal e velhos gestos de descaso e orgulho eram refeitos e imobilizados no ar para que deles se extraísse o peso exato, que afundava o prato. Momentos de amor-próprio e de respeito humano congelavam em bolas de chumbo, uma em cada prato, retratando vidas que haviam passado por virtuosas quando eram apenas um hirto equilíbrio de abominações. ”

Ele não é Juiz, mas Amor feito carne. A Justiça distancia-se da bondade e a bondade é puro amor: como a menina, com nome de flor, oferecendo a margarida colhida que lhe enfeitava os cabelos aos invisíveis do mundo; ou como o menino, Marcelino,⁶ alimentando com pão e vinho, o Cristo crucificado.

¹ Alusão ao romance “*Quo vadis?*”, de Henryk Sienkiewicz.

² SIENKIENWICZ, H. *Quo Vadis?*. Os grandes romances do Cristianismo. São Paulo: Edições Paulinas. 1961. p.330.

³ DÍAS-MELIÁN DE HANISCH, Mafala Victoria. Algunos Antecedentes sobre la Historia Del Derecho Penal Romano. In: CALZADA GONZÁLEZ, A.; CAMACHO DE LOS RÍOS, F (coordenadores). *El Derecho Penal: De Roma Al Derecho Actual. VII Congreso Internacional y X Iberoamericano de Derecho Romano*. Madrid: Edisofer. 2005. p.191/200.

⁴ *Ibidem*.

⁵ CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2021. 574 p. excerto extraído de “O ossuário” (versão Kindle)

⁶ Alusão ao filme espanhol de 1955, “*Marcelino Pão e Vinho*”, dirigido por Ladislao Vajda. O livro homônimo que inspirou o filme foi escrito por José María Sanchez-Silva.